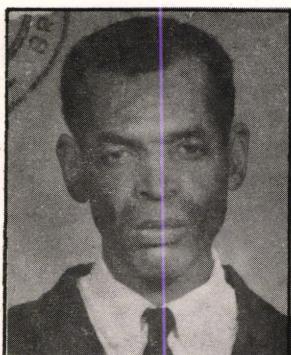


## GERALDO DOMINGOS DA CUNHA



IRMÃO LEIGO SALESIANO

1915 - 1989

Vocação tardia – ele veio para conhecer os salesianos de quem nunca tinha ouvido falar, passaria com eles alguns dias e retornaria à sua terra. Não retornou. Ficou até o dia 21 de dezembro de 1989, véspera do Natal, por um desses inexplicáveis cruzares de caminhos de Deus e dos homens.

Conhecido e respeitado como um moço de muita intimidade com Deus – o Geraldo Carola: assim o chamavam em Paulistas, em Paiol de Telhas – ele foi abordado pelo vigário de Paulistas. Era uma carta chegada de São João del-Rei, assinada pelo Padre Francisco Gonçalves, instrumento sempre atual da pastoral vocacional. Não deu outra: ei-lo definitivamente optando por Dom Bosco, a quem apenas acabara de descobrir.

Geraldo Domingos da Cunha nasceu em São José dos Paulistas, MG, no dia 15 de janeiro de 1915, de família profundamente simples e cristã, filho de Joaquim Domingos da Cunha e Maria Carolina de Carvalho.

Fez o noviciado em 1945, em Pindamonhangaba, SP, onde professou pela primeira vez, em 31 de janeiro de 1946. Renovou seus votos no dia 29 de janeiro de 1949 em Ascurra, SC, onde trabalhou como sacristão e despenseiro. A profissão perpétua, fê-la em São João del-Rei em 6 de janeiro de 1952. Aí permaneceu por muitos anos, trabalhando na Escola Padre Sacramento e realizando-se, como salesiano, em suas humildes mansões de despenseiro, hortelão e até de professor dos pequenos alunos ali recolhidos.

Em 1973 a obediência o mandou para Pará de Minas, onde trabalhou como agricultor até um mês antes de sua morte.

Evangelicamente pobre, encarnou com tanta facilidade a aspereza, o desconforto, o jeito desnudo de ser, não só de coração e de espírito, mas também de corpo, de carne. Foi difícil encontrar um terno – o único – que lhe serviria nos funerais. O resto eram roupas simples, puídas, sinal de que pouco ligava para as aparências. Mais difícil ainda encontrar alguns pertences que o fizessem presente – um sacramento, um sinal. Encontramos, sim, uma caixa de sapatos, cheia de cartas – isto é tudo – que ele guardava, respostas das suas, que escrevia aos familiares e amigos. Como lhe queriam bem! Como o estimavam! Mantinha um relacionamento rico, profundo, porque simples; encantador, fascinante, porque despreendido. Era um autêntico apóstolo da humildade, no meio dos humildes.

Seus pontos de contato constantes – o asilo da cidade Osanan, o povo mais simples do bairro – espelhavam sua preferência: a gente simples. Era comum vê-lo sair com pequeno embrulho. Alguma fruta, algum legume. Não havia esse que não gostasse, que não apreciasse tamanha generosidade, balanceada com a simplicidade – uma coisa, assim, de presépio: tanta grandeza na noite da simplicidade. Silente, fria, porém rica de Deus. Este o melhor retrato do “Seu” Cunha. Era comum ver pessoas humildes que o procuravam para pedir-lhe uma fruta. Ele sabia satisfazer a todos.

Olho atento, conhecia todos os pontos vulneráveis da casa. Aos domingos e feriados, ele duplicava a vigilância; ficava de plantão horas e horas, zelando pela integridade de tudo. Nunca conseguia alcançar os amigos do alheio, mas dava notícia de cada um.

Gostava de ser útil. Preparava com carinho e muito açúcar as suas saladas de frutas, suas vitaminas. Religiosamente, após as refeições, retirava a mesa, num sinal de desprendimento e atenção, poupando esse serviço à copeira.

Coerentemente com seu jeito de ser, alimentava-se pouquíssimo, bebia somente água. Sempre discreto, calado, dava sinal de que não estava bem de saúde, pela sua ausência.

Em seu guarda-pó, azul ou branco, traje invariável, chapéu de palha, botinas rústicas – era o homem de trabalho, o braçal que, também e tão bem, e como o Outro, dignificava a pessoa. Enxada na mão, o viâmos limpar o pomar ou os arredores da casa. Pedia sempre um ajudante no seu cuidado das frutas; e af a molecagem – era pitoresco vê-los chegarem, ele e seu ajudante, com o carrinho de mão sempre cheio de alguma fruta, calça arregaçada até ao meio da canela... o assomo trapaceiro de um sorriso malicioso de quem lhe ajeitava o ajudante, nem sempre boa mercadoria... a esperteza do “Seu” Cunha que, percebendo o logro, tinha também seu troco, com uma pitada de veneno – “mas também, você me arruma um ajudante que não sobe no pé de abacate... eu também não subo! Quero um mais esperto”.

Pontualmente, no meio do ano, visitava seus familiares e amigos, em Paiol de Telhas. Escolhia o tempo seco, pois, se chuvoso, não chegaria lá. Levava sempre consigo um acompanhante aluno, ou ex-aluno, ou amigo, os quais voltavam satisfeitos, esperando repetir a temporada, no ano seguinte, o que nunca lhes era

permitido. Entre os seus, "Seu" Cunha era um sinal, e agora af, o grande segredo pelo qual Jesus louvou o Pai – o escondido aos sábios e revelado aos pequenos; "Seu Cunha" era um grande sinal, sim, porque pequeno; e sabemos que, no Reino de Deus, maior é menor: eis encarnado no "Seu" Cunha o artigo 2 das Constituições: "ser na Igreja, sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres".

Os seus o viam, de fato, como um grande sinal de Deus. Com toda singeleza e fé profunda, os mais novos lhe tomavam a bênção e os mais velhos o respeitavam como uma pessoa diferente, especial, que lhes falava, pelo testemunho, a linguagem de Deus. Na sua temporada em Paiol de Telhas, fazia questão de promover a celebração da Eucaristia, por um salesiano, preferivelmente. Foi assim que lá estiveram, celebrando no grupo, ou mesmo no cemitério, o P. Emídio Soares, o P. Manoel Cirilo, o P. Geraldo Lisboa. Disto "Seu" Cunha se sentia orgulhoso.

Tinha o dom especial da visita. Sabia fazê-la no lugar certo, na hora certa e à pessoa certa. Tinha consciência disso, era seu jeito de ser apóstolo.

Reservado, de temperamento introvertido, tinha seus momentos fortes de humor, os quais a comunidade provocava, ou, às vezes, chegavam na seqüência comum das coisas e acontecimentos, de surpresa. Pe. Adriano Tourinho tinha um apito, para chamar a pessoa que dele cuidava e nisto a coisa já era cômica. Sempre apressado, surpreendia todo mundo, às vezes, com um estridular ensurdecedor. Foi assim que, aos poucos, uma estrondosa vaia estourava simultânea. Apitou, vaiou em cima. Tudo na santa alegria da fraternidade, o lado alegre, pitoresco, descontraído, tão necessária na vida comunitária. Pe. Adriano que enxergava quase nada, neste momento, conseguia ver claramente que "Seu" Cunha não participava da brincadeira. Picante como sempre, dizia: "a única pessoa educada, nesta casa, é o 'Seu' Cunha". Não havia melhor, criar situações destas. P. Hernâni Ferreira lhe acabara de pregar uma solene mentira, sorrateira. "Seu" Cunha não se apertou. Muxoxeu laconicamente: "é mais fácil um boi voar"... Foi um pedaço tomista de sua vida simples e grande.

"Seu" Cunha tinha um carinho especial para com os ex-alunos; e pude sentir a decepção e tristeza de um deles que viera visitá-lo, justamente no domingo seguinte à sua morte. Acolhia com muita solicitude os ex-alunos, especialmente aqueles do curso de profissionalização.

Fiel à sadia tradição, ele fazia sua visita ao Santíssimo após as refeições. E foi af, nesta intimidade com o Senhor, que ele terá tirado tanta energia para suportar – como ele suportou – o sofrimento causado pelo mieloma que o martirizou nos seus últimos dias. Sentindo que se debilitara assustadoramente, tratamos de interná-lo no hospital local. No dia 12 de outubro ficou em observação o dia inteiro, não se internando porém. Voltando para casa, percebeu-se a gravidade do mal e pensamos em transferi-lo para Belo Horizonte, onde ele pudesse ser melhor tratado, e assim foi. Internado no Hospital Felício Rocho, descobriu-se que nada mais havia a fazer do que esperar seu descanso. Foi uma agonia lenta, apesar da qual ele sentia uma alegria e demonstrava sua gratidão às pessoas que o visitavam.

Seu enterro foi tão simples e humilde quanto foi sua vida. Disto falou o Pe. Inspetor, na breve homilia de sua missa de corpo presente.

Questionado por um irmão, se de fato ele foi humilde ou se nós o fizemos humilde, só podemos responder que Geraldo Domingos da Cunha viveu a humildade, professou-a, e nisto é que está sua grandeza. Humildade, simplicidade, pobreza, tudo isto é grande. Tudo "Seu" Cunha nos ensinou com competência. Claro, ele aprendeu na fonte, diretamente... "Vendo então Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-se. Rodearam-no os discípulos e Ele pôs-se a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os pobres em espírito, porque o Reino dos céus é para eles....".

Que "Seu" Cunha , no céu, interceda por nós, para que da pobreza atual desta Casa de Pará de Minas, possa nascer a grandeza do louvor e da glória de Deus.

Em suas orações, lembrem-se dele e desta comunidade.

Pará de Minas, 2 de fevereiro de 1990

P. Geraldo Martins Lisboa  
Diretor

---

#### Dados para o Necrológio

**SC GERALDO DOMINGOS DA CUNHA**, nasceu em São José dos Paulistas, MG, aos 15 de janeiro de 1915. Faleceu em Belo Horizonte, aos 21 de dezembro de 1989, com 74 anos de idade e 43 de profissão.